

**Atualidade****econômica***Economia  
Brasil***Visão da semana:****permanecem****os desafios**

A semana passada foi das mais conturbadas na área econômica, desde a posse do novo governo. Houve mudanças expressivas na equipe ministerial, alterações de alguns mecanismos de política econômica e um recorde histórico na taxa de inflação. Com isso, permanecem intocados os grandes desafios a serem vencidos a curto prazo, principalmente no que se refere ao combate à alta de preços.

Na segunda-feira, o ministro Francisco Dornelles demitiu-se, sendo substituído pelo empresário Dilson Funaro, o qual prometeu não medir esforços para obter de imediato uma redução das taxas de juro. A equipe do Banco Central também foi modificada em consequência da troca do ministro, passando a ser presidida por Fernão Bracher. Essas alterações provocaram certa expectativa no mercado, a qual culminou com uma reunião extraordinária do Conselho Monetário Nacional na quinta-feira, com a nova equipe decidindo-se por modificações nas fórmulas de cálculo da correção monetária e da correção cambial. Optou-se por um retorno ao esquema anterior, ou seja, a correção passa a ser divulgada no fim de cada mês, alinhando-se à inflação, com uma leitura defasagem para a variação cambial.

A pior notícia, embora já esperada, foi a inflação de 14% em agosto, um triste recorde histórico, que confirmou certos desacertos já amplamente apontados da política econômica. O montante do déficit de caixa exerceu forte pressão sobre a expansão monetária, evidenciando dificuldades para ser coberto com a colocação de títulos da dívida pública. Houve ainda o efeito do descongelamento de diversos preços, aliado a variações dos produtos agrícolas, apesar da colocação dos estoques governamentais no mercado. São elementos que deverão ser objeto de cuidadosa análise por parte dos novos mandatários, momente o déficit público, cuja persistência impede maior otimismo inclusive no que se refere à expectativa de queda dos juros. É difícil supor que um "acordo" com os bancos (estipulado em termos pouco conhecidos) será suficiente para lograr este objetivo. Tampouco parece animador o fato de tabelar-se a carne nos supermercados, pois a brusca alta de preços tem sua origem na falta de estoques reguladores que deveriam ter sido formados no ano passado.

Um fato auspicioso residiu na não imposição de cotas de importação por parte dos Estados Unidos em relação ao setor de calçados. Embora tal medida não revele uma inversão do protecionismo num sentido mais amplo, permite aos industriais brasileiros ver sua competitividade reconhecida, garantindo importantes divisas até mesmo para a balança comercial. Resta ver se essa atitude poderá ser aplicada a outros produtos.

Outra notícia até certo ponto positiva, para os consumidores, foi a alta de 5,1% em média nos preços dos combustíveis. Afinal, o público acostumou-se a reajustes maiores, mas as autoridades optaram por uma variação inferior à inflação acumulada do ano, provavelmente com o sentido de não provocar maior impacto sobre a inflação do próximo mês.

O setor agrícola apresentou uma semana conturbada. Além de ser responsabilizado por uma parte expressiva da inflação de agosto, não escapou a grandes conturbações na área do café, onde o IBC manteve a política de contingenciamento das exportações para desagrado das pequenas e médias empresas que operam nessa atividade. Os produtores de laranja protestaram contra o impasse referente ao pagamento da safra atual, o que deve obrigar o governo a tomar um pulso mais firme nas negociações entre eles e a indústria. Nova mudança em comando de autarquia foi registrada, com a saída de José Aprigio Vilela da presidência do Instituto do Açúcar e do Álcool, por motivos pessoais segundo alegou. Já houve mudança recente no IBC, o que comprova efetivamente as dificuldades de administração dessas entidades no quadro presente do Ministério da Indústria e do Comércio.